

Sociabilidade e aristocracia em Portugal no último quartel do século XVIII*

Raquel Bello Vázquez

Grupo GALABRA (USC)¹

A falta de documentação levantada e analisada tem provocado que a sociabilidade aristocrata em Portugal durante a Ilustração não tenha sido estudada suficientemente. Em linhas gerais, a historiografia tem-se limitado a aludir vagamente à existência de possíveis salons sem especificar que pessoas se reuniam, com que periodicidade ou que actividades eram desenvolvidas neles. Isto, e dadas as próprias características sociológicas da época, provoca um desconhecimento quase absoluto dos processos de incorporação de novos repertórios estéticos e ideológicos, o que impede tirar uma imagem minimamente veraz dos campos cultural, social, político, etc.

* Este texto faz parte de um projecto de investigação mais alargado sobre Mulher e Ilustração na segunda metade do século XVIII em Portugal, dirigido por Elias J. Torres Feijó e integrado por Eva Loureiro Vilarelhe, Antia Cortizas Leira e Loira Martínez Rei e Raquel Bello Vázquez.

¹ Universidade de Santiago de Compostela.

O propósito do nosso projecto de investigação é, entre outros, reconstruir essas redes de relacionamento e sociabilidade a partir da documentação coeva, e o estado actual da nossa pesquisa permite apresentar aqui alguns avanços em relação a determinadas assembleas que se celebravam em Lisboa no último quartel do século XVIII e reuniam membros da «primeira nobreza» para cantar e ouvir ópera, trocar ideias políticas e ler cartas chegadas doutras cortes, assim como apresentar também algumas conclusões sobre determinados mecanismos utilizados na constituição de redes.

As assembleas², que serão objecto da nossa atenção neste momento, são uma forma de relacionamento social frequentemente citada em relação com a intervenção das mulheres no campo intelectual e também em relação com a Ilustração como movimento social e cultural, mas a sua existência em Portugal é muito pouco conhecida, particularmente pela falta de documentação –que talvez exista mas que até o momento não tem sido levantada. Dado o assunto do nosso projecto de investigação sobre mulher e Ilustração em Portugal na segunda metade do século XVIII interessa-nos este tipo de convívio porque, ao contrário do que ocorria com as Academias, que reservavam os papéis principais na sua organização e posta em cena exclusivamente para os homens, as assembleas, no entanto, eram organizadas, presididas e protagonizadas por mulheres, que encontravam aqui uma forma socialmente tolerada de intervenção política e intelectual. Neste sentido, queremos chamar a atenção para o facto de que, mesmo estando às vezes por trás da fundação das Academias, como sucede no caso de Teresa de Mello Breyner e a Academia das Ciências de Lisboa, o papel das mulheres neste tipo de agremiações estava muito limitado na sua dimensão pública, e podia chegar a constituir-se em causa de crítica contra aquelas mulheres que frequentavam a Academia. No caso de Teresa de Mello Breyner e de Leonor de Almeida, temos constatado, até, que a interdição não explícita nos estatutos de participação na ACL é percebida por elas mesmas como um obstáculo social inultrapassável, o qual não entra em contradição com a sua própria consciência de reunir as qualidades suficientes como para desenvolver o papel de sócias. Assim, em carta datada em «Lisboa 28 de Janr.^o de 1781»³ afirma a Condessa dirigindo-se a Leonor de Almeida:

² Preferimos esta forma sobre a habitual “salons” porque é a mais utilizada em toda a documentação setecentista que temos manuseado na nossa pesquisa.

³ IAN-TT, Casa Fronteira Alorna, n.º 223. As cartas que citaremos encontram-se no Instituto dos Arquivos Nacionais-Torre do Tombo dentro do núcleo da Casa Fronteira Alorna, concretamente no conjunto de documentação da 4.ª Marquesa de Alorna e sob a epígrafe «Correspondência dirigida à Condessa por D. Teresa de Melo Breyner “Tirce”». Trata-se de três pastas identificadas com as cotas números 222, 223 e 224 respectivamente que contêm correspondência e poemas avulsos datados entre 1770 e 1795.

Quanto me dizes a resp.^{to} da Academia merece mais longa resposta; eu te agradeço por toda ella, o interesse, que mostras pelo seu progresso, e se os nossos costumes o permitissem tu certam.^{te} estavas na lista; mas as tuas Luzes são tais, que podem ajudala m.^{to} communicalhas, que eu fico porq toda a boa gente que a compoem se te mostre agradecida.

Das assembleas celebradas sob a protecçom de algumha mulher ilustrada no período em foco, as mais citadas (embora nom necessariamente conhecidos) som o de Joana Isabel de Lencastre Forjaz, aludido, por exemplo, por Francisco Topa⁴ e Ana Cristina de Araújo⁵, ou, andado o tempo, o de Leonor de Almeida, posteriormente conhecida como Marquesa de Alorna. A pesar destas referências som mui poucas as informaçoms que temos sobre estas reunions e algumhas das fontes utilizadas às vezes (como o Marquês de Resende⁶) som de fiabilidade reduzida.

As nossas pesquisas tenhem-nos levado a concluir que existírom outros salons em Lisboa neste período como o regentado por Teresa de Mello Breyner, quarta Condessa de Vimieiro ou outros por ela freqüentados como o da Condessa da Atalaia ou a Marquesa de Penalva. Sabemos por diferentes referências encontradas nas cartas de Teresa de Mello Breyner que esta recebia em sua casa, sem umha periodicidade específica, determinadas pessoas com as quais mantinha um estreito convívio intelectual. Algumas delas eram

- o Duque de Lafões: «eu vivo quazi sempre só com os meus livros algum de meus Irmaõs, e o Duque q alguns mom.^{tos} aqui passa he verd.^e que elles valem por todos os que podiaõ vir atormentarnos e opprimirnos com turbilhoens de nadas. Não te escadalize a fraze mas se ainda não perdestes o orizonte has de ver q explica»⁷,

- o Abade Correia da Serra: «Lembrarte as de hum Abb.^e protegido do Duque, e que vivia m.^{to} em m.^a caza antes de elle chegar: este tem um irmaõ de m.^{to} merecime.^{to} a q.^m a R.^a fez agora Cap.^m Engenheiro. Lído has na Gazeta com o nome de Joaq.^m Correa da Serra»⁸,

⁴ Topa, Francisco (2000): *A musa trovadora – dispersos e inéditos de D. Joana Isabel de Lencastre Forjaz*; Porto: Edição do autor, e Topa, Francisco (2002): «Dois sonetos inéditos de D. Joana Isabel de Lencastre Forjaz» in *Revista da Faculdade de Letras «Linguas e Literaturas»*, Porto, XIX (2002), pp. 541-544

⁵ Araújo, Ana Cristina (2003): *A cultura das luzes em Portugal. Temas e problemas*; Lisboa: Livros Horizonte

⁶ Resende, Marquez de (1868): *Pintura de um outeiro nocturno e um sarao musical às portas de Lisboa no fim do seculo passado feita e lida no primeiro serão literario do gremio recreativo em 12 de Dezembro de 1867 pelo...*, Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias

⁷ «Lx.^a 19 de Novembro de 1780», IAN-TT, Casa Fronteira Alorna, n.º 223.

⁸ «Lisboa 9 de março de 1784», IAN-TT, Casa Fronteira Alorna, n.º 222.

- António Diniz: «Por cá não ha m.^{to} quem conheça a fundo a pura linguagem do Parnazo /excpto An.^{to} Diniz quando por cá aparesse/»⁹,

- o Visconde de Barbacena: «O Bisconde veio, e dilatouse; e elle nos certificou de que se amiudavaõ as conferencias dos M.^{os}, sobre o prosseço dos teus, e nossos sacrificados; e que todos os dias se conhecia mais que o animo d'El Rey defuncto nunca fora de cometer uma injustissa de tal natureza, e de taõ graves consequencias»¹⁰.

Mas para além das pessoas que recebiam em sua casa, os Condes de Vimieiro também freqüentavam outras casas onde se prolongava o convívio. Neste sentido, temos informações nas cartas da Condessa que indicam que alguns dos lugares freqüentados eram as casas dos Embaixadores da Espanha, do Ministro Plenipotenciário da Áustria (o Cavalheiro Lebzelttern) e a sua esposa, ou as assembleas que nas quartas feiras celebrava em casa da Condessa da Atalaia: «como não temos ca os Embaxadores de Espanha, não ha caza de Ministro, emq possamos admirar as suas Personages, porq a Pobre Lebzelttern, alem das suas desconsoçoens antigas, tem tido o trabalho de estar doente, e de dar cuid.^o»¹¹, ou «amanhã celebraremos os teos annos em caza d'Atallaya onde nos juntamos todas as quartas fr.^{as} ha muzica e dansa»¹².

Para além destes, Bombelles¹³ alude também a reunions em casa da Marquesa de Penalva, onde se encontram diversas personalidades da vida social e intelectual portuguesa de finais de setecentos:

Le vicomte de Ponte de Lima, beau-frère du marquis de Penalva, s'y est trouvé ainsi que les marquis de Lavradio, de Castelo Melhor e le comte de Vimieiro; chacun de ceux-ci était accompagné de sa femme et de ses enfants, ce qui faisait dans l'ensemble une société brillante. Il y a eu un fort où les comtesses de Redondo, d'Avintes et la marquise de Valença ont très bien chanté de beaux airs italiens. (...) [sic] La musique de Gluck, de Piccini, de Sacchini, et de Grétry chantée par M^{me} de Bombelles fait

⁹ «Lília, Amabelissima Snr.^a do meo coração», IAN-TT, Casa Fronteira Alorna, n.º 224.

¹⁰ «Lisboa 3 de Dezembro de 1780», IAN-TT, Casa Fronteira Alorna, n.º 223.

¹¹ «Lisboa 20 de maio de 1783», IAN-TT, Casa Fronteira Alorna, n.º 222.

¹² «Lisboa 29 de Oitubro de 1781», IAN-TT, Casa Fronteira Alorna, n.º 222.

¹³ Kann, Roger (1979, ed.): *Marquis de Bombelles. Journal d'un ambassadeur de France au Portugal (1786-1788)* [...] édition établie, annotée et précédée d'une introduction par..., Paris: Presses Universitaires de France, p. 72.

grand plaisir aux Portugais; leurs accompagnateurs sont excellents et je n'ai entendu nulle part la musique concertante mieux exécutée qu'à Lisbonne.

Ou fala também das assembleas celebradas em casa do já referido Duque de Lafões (Kann, 1979: 211-212):

Pour se consoler de ces mortifications, le bon duc [de Lafões] attire tant qu'il peut chez lui la meilleure société de Lisbonne. Aujourd'hui il nous a donné un magnifique dîner: une vaisselle nombreuse travaillée a Paris couvrait table et renfermait d'excellents mets. M^{mes} de Soure, de Ficalho, de Tancos, de Vimieiro, d'Assumar, d'Oyenhhausen, de Bombelles et de Travanet avaient pour écuyers ou *cavaliéri serventi* le duc, les marquis de Tancos et de Penalva père e fils, le comte d'Assumar, D. José de Meneses, José et Pedro de Melo, le comte de Front, M. North, milord Mountmorres, le duc de Cadaval, le fils de D. Rodrigo de Meneses frère des Marialva, le chevalier de St. Didier. MM: Rastignac et d'Urtubise, enfin moi.

Sobre o tipo de actividades que se celebravam nestes salons temos constância de algumas de tipo lúdico, como os bailes, os jantares, a interpretação de músicas (tal e como refere Bombelles no trecho citado acima), etc., mas no caso concreto das reuniões realizadas em casa de Teresa de Mello Breyner ou do seu amigo o Duque de Lafões, sabemos que também se incluíam a leitura de cartas procedentes do estrangeiro (neste caso, e durante a década de 80, cartas de Leonor de Almeida, nessa altura embaixatriz portuguesa em Viena acompanhando ao seu marido o Conde Charles de Oeyenhhausen, e também do próprio imperador austríaco, amigo pessoal de Lafões desde a estadia deste na corte vienense na década de sessenta) e a discussom sobre assuntos políticos e sociais.

Atendendo tanto à dimensom lúdica como à dimensom de planificaçom cultural e social dos salons e assembleas, temos verificado através da correspondência da Condessa de Vimieiro que a freqüentaçom das assembleas era umha questom de importância capital para os membros da nobreza porque, igual que outros mecanismos e espaços de sociabilidade como a correspondência ou as academias, aquelas formavam parte também das estratégias para desenhar grupos, que identificando-se publicamente por meio dos seus relacionamentos sociais, eram definidos fundamentalmente polos seus posicionamentos ideológicos, a orientaçom das suas actuaçoms e as suas estratégias de acumulaçom de poder e de intervençom no campo. A existência destas estratégias de intervençom convertiam a lealdade a um determinado círculo em fundamental para os membros de cada grupo, do qual podemos

concluir que se estabelece nesta altura umha concorrência entre as damas da primeira nobreza e outras de mais baixa procedência social por agrupar em torno a elas um maior número de elementos do campo intelectual. Parece evidente que esta concorrência responderia a umha luta dentro do campo social português da segunda metade do século XVIII por aumentar o capital simbólico de cada família. Tal e como indica Nuno Gonçalo Monteiro (1998¹⁴ e 2003¹⁵) chega umha dada altura em que as casas nobres ambicionam já nom aumentar o seu capital económico, mas acrescentar o seu capital simbólico, seja por meio de alianças matrimoniais estrategicamente desenhadas, seja por meio de determinadas actuações dentro do campo com o objectivo de melhorar as suas possibilidades no campo do poder.

Tanto a casa de procedência de Teresa de Mello Breyner (a casa de Ficalho) como a sua casa de destino (a de Vimieiro) podem ser caracterizadas pola posse de um amplo capital cultural que é convertido em capital simbólico, útil para acumular poder dentro da corte, e o mesmo sucede com as casas de Alorna ou de Lafões, ou com os embaixadores e embaixatrizes europeus, que costumavam gozar de um amplo prestígio intelectual, ao menos entre determinados sectores da nobreza ilustrada portuguesa, que convertia a sua frequência em um elemento de distinção para aquelas pessoas que conseguiam entrar nas suas casas. Num âmbito como a corte onde se estabelecem duras lutas polo poder, cada casa trata de pôr em valor os seus capitais, e o papel das mulheres e, concretamente, da formação intelectual das mulheres aparece como parte fundamental da estratégia de algumas famílias da primeira nobreza. Assi se explica o empenhamento de determinadas casas por possuir um salom e por reunir nel o maior número de figuras prestigiosas.

As assembleas som também, da nossa perspectiva, um mecanismo eficaz para definir umha rede de relacionamentos que permita umha intervenção social efectiva num determinado sentido e a esta luz devemos entender um caso aparentemente anecdótico, mas, do nosso ponto de vista, elucidativo da importância de incorporar determinados elementos (e com eles os seus capitais) às próprias assembleas. Através de umha série de cartas enviadas por Teresa de Mello Breyner a Leonor de Almeida entre 1771 e 1773 conhecemos a luta que se estabelece entre a primeira e Joana Isabel de Lencastre Forjaz por colocar (ou no caso da Condessa de Vimieiro, conservar) entre as suas relações prioritárias a filha dos Marqueses de

¹⁴ Monteiro, Nuno Gonçalo Freitas (1998): *O crepúsculo dos grandes (1750-1832)*, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

¹⁵ Nuno G. F. Monteiro (2003): *Elites e poder. Entre o antigo regime e o liberalismo*; Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.

Alorna, reclusa no Convento de Chelas, mas conhecida em Lisboa pelo seu elevado capital cultural tanto individual como familiar.

Joana Isabel de Lencastre Forjaz, nascida em 1745, era a segunda esposa de Fernando Martins Freire de Andrade «moço fidalgo com exercício na Casa Real, senhor dos morgados da Ribeira do Sado e do Bom Despacho» (Pereira/Rodrigues, 1904-1915: 646, II¹⁶). Como em muitos outros casos coevos (particularmente de mulheres, mas também de homes), Forjaz nom publicou nada em vida com o seu próprio nome, mas os seus poemas eram conhecidos e circulavam tanto dentro do seu grupo como fora del.

A primeira referência datada que encontramos nas cartas de Teresa de Mello Breyner a Lencastre Forjaz é de 24 de Maio de 1771, numha carta em que se verifica a relutância da Condessa de Vimieiro a que esta mulher seja incorporada à roda das relações de Leonor de Almeida, em função de umha suposta ambição e vontade de ostentação:

Eu tenho passado bem e recebi o corr.º passado a carta, que me faltava, emq falavas com J:I: logo satisfiz ao teu preceito, apesar de todas as m.as repugnancias; mas quando tu ordenas, Tirse não sabe exitar [sic]. Pelo q me dizes, vejo que não errei na ideia, que tinha formado tanto da sua Poezia, como do seu caracter, o dez.º de impor; a natural ambição de brilhar, de adquirir hum nome menos vulgar; conduz a semelhantes desconcertos se se não corrige¹⁷.

Menos de um mês depois a Condessa continua o seu ataque a Lencastre Forjaz, neste caso aludindo aos escassos dotes poéticos desta, e, o que é mais importante, às suas relações pouco adequadas:

Naõ posso deixar de dizerte que estimo o que te sucede com J:I: eu dezejava que ella se desse a conhecer antes de te empenhares m.^{to} na sua amizade. Naõ me pareceo justo dizerte tanto quando ao principio fallavas nella: tu abonavas o seu caracter de que eu tenho levissimo conhecim.^{to}, tive escrupulo moral e politico de te dizer tudo; mas agora acho que ja te posso dizer, que dês por bem empregado o [arauto] e que naõ puches por humha amizade, que te naõ he m.^{to} conveniente. Naõ suponhas nestas m.^{as} palavras mais pezo, que o q significaõ ao pé da letra; mas na verd.^e de que serve incomparavel Lilia, que se gabe Aonia/e a q.m / de que lhe deo hum mote, que lhe he

¹⁶ Pereira, Esteves; Rodrigues, Guilherme (1904-1915): *Portugal - Dicionário Histórico, Corográfico, Heráldico, Biográfico, Bibliográfico, Numismático e Artístico*; Lisboa: João Romano Torres -Editor, 8 volumes; Edição electrónica: Manuel Amaral (2000-2001): www.arqnet.pt/dicionario/index.html.

¹⁷ «Vimr.º 24 de Maio de 1771», IAN-TT, Casa Fronteira Alorna, n.º 222.

difícil p.^a glozalo? Crême, que não te convem, e o tempo hira verificando esta m.^a prepozição O seo character p.¹⁰ que se observa na contenda do soneto, e nessa palavra, que soltou, he de summa vaid.^e Eu bem sei que a tua amisade lhe deve escitar; mas o seo respeito, e a sua gratidaõ, devera contêla. Bem pode ser que ella tal não dissesse; mas basta que ella admita á sua convivencia, peçoas que são capazes de abuzar da sua confiança, p.^a que a sua amisade seja de temer, nas perigozas maximas, que oje se seguem em Lisboa. Não me julgues malencolica porque discorro assim; fallo experimentada em cabeça alheia, e os estragos dos meos vizinhos me tem feito acautelal os proprios. Se falassemos, quantas mascaras tirariamos¹⁸.

Chamamos a atençom para estes dous factos que nos parecem fulcrais: no primeiro caso porque vemos até que ponto a poesia podia ser importante como meio de relacionamento social e como veículo para estreitar laços ou, neste caso, rejeitar determinadas pessoas; no segundo porque, mais umha, vez encontramos um exemplo da importância concedida na altura à idea de “rede”: as relaços nom som procuradas ou evitadas com pessoas individuais, mas com os grupos em que se integram essas pessoas. A Condessa evidencia claramente que, a pouca conveniência que ela acha no relacionamento com Lencastre Forjaz nom tem a ver exclusivamente com as melhores ou piores condições que esta mulher poda reunir para integrar-se no seu grupo, mas, para além disto, rejeita-a pola pouca conveniência das suas relaços.

Entre as escassas informaços de que dispomos sobre o grupo de Forjaz, pomos em destaque que, segundo Francisco Topa (2002: 541), investigador que até agora se tem ocupado com maior atençom desta figura da Ilustraçom portuguesa, manteve: «um intenso convívio poético com autores importantes, como José Anastácio da Cunha e Nicolau Tolentino, os brasileiros Alvarenga Peixoto, Caldas Barbosa, Basílio da Gama e Silva Alvarenga». Tendo em conta estes elementos, talvez nom seja errado supor que a presença de determinados elementos da burguesia brasileira no salom de Lencastre Forjaz tenham algo a ver com isto. Caetano Beirão¹⁹, por seu turno, fala do Palácio das Picoas «da família Freire de Andrade» como o lugar onde

¹⁸ «Vimr.º 14 de Junho de 1771», IAN-TT, Casa Fronteira Alorna, n.º 223.

¹⁹ Beirão, Caetano (1934): *D. Maria I 1777-1792. Subsídios para a revisão da história do seu reinado* (com quatro heliogravuras, e fac-similes de várias cartas) 2.^a edição, corrigida e acrescentada; Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade, p. 285).

umha vez por semana, se reünia tudo o que havia de marcante em Lisboa, num colorido em que sobressaíam a velha nobreza, a formosura das senhoras da côrte, os poetas, os estadistas, os diplomatas, os magistrados e outras personagens do relêvo no último quartel do século XVIII

Entendemos as apreciaçõs feitas por Teresa de Mello Breyner sobre Joana Isabel de Lencastre Forjaz e o seu grupo som importantes para perceber como se conformam as assembleas e com elas (ou através delas) as redes de relacionamento e os grupos que intervem no campo. A própria Condessa alude no trecho citado acima à importância da rede em função, sobretudo, de uma certa clandestinidade em que se situa o seu grupo, colocado numha situação política adversa, o que situa no primeiro plano as estratégias de ocultação, por um lado, e a “lealdade de grupo” por outro.

Mui pouco tempo depois da redacção da carta citada acima a Condessa parece aceitar a relação de Leonor de Almeida com Joana Isabel de Lencastre, com afirmações como «agradeço os Sonetos de J:I: tem m.^{to} merecim.^{to}: a seo respeito disse o que podia se te falasse pode ser que dissesse mais»²⁰ e «compadeço-me do trabalho de Aonia; coitadas, se lhe he caro o seo Sileno , quanto devo suppor, m.^{ta} compaxaõ me faz, e ja por esta parte me tem a seo favor; eu dezejo que as suas qualid.^{es} te satisfaçaõ justam.^{te}, para que tenhas mais esse dezafoço²¹»), para, imediatamente, voltar a arremeter contra a nova amiga de Leonor de Almeida:

dissimula o alvoroço ao preferir d'Aonia; huma impaciencia se tardaõ as suas noticias; hum fastio se as m.^{as} se multiplicaõ. Huma ambiçaõ de ler o que ella escreve; hum cansaço insoportavel, quando insta a civilid.^e porq me responda; em fim todo o pico da novid.^e, em oposiçaõ a insipidez do costume; veraz brilhar nas suas aççoens apesar da constancia de Tirse, que fiel ha de prezistir [sic] em amar a sua indiferença, tanto, quanto tem adorado o seo favor.

[...]

Pelo q toca a J:I: o m.to que ella se mostra instroido [sic] do q passa entre nós confeço q me aborrece. Que tem ella com q tu te previnas de Poezias p.^a m.^a chegada que lhe importa o q eu te hei de responder? q interesse tem em averiguar o como te correspondo? Na verd.^e saõ impertinencias, q eu soffro a outras peçoas; mas saõ peçoas

²⁰ «Vimr.º 28 de Junho de 1771», IAN-TT, Casa Fronteira Alorna, n.º 223.

²¹ «Vimr.º 12 de Julho de 1771», IAN-TT, Casa Fronteira Alorna, n.º 223.

a q.^m pode desculpar ou a qualid.^e ou o parentesco ou a amizade. He certo que ella disse q tu tinhas f.^{to} não sei, q Poema á m.^a chegada: isto parece falço porq se o não fosse q razaõ haveria p.^a q tu me negasses esse favor q.do me tens concd.^o tantos, dessa natureza? ora se isto he falço, parece q lhe não fica improprio o ditado do Cestr.^o e se ella destas falcid.^{es} paçar a dizer estas não poderá ser funesto a nossa amizade? A mim não me ocorre q ella tenha poder p.^a a destruir: eu sei o q tenho em mim; e persuadome de q avalio o q tenho em ti sem offença do teo merecim.^{to} mas tu não podes negar-lhe a possibilid.^e de disgustarnos e tendoa, não pode ser funesto à nossa amizade? Se tu chegastes a disgustarte ou a escandalizarte desta prepozição, não sinto otro remedio mais que o de pedirte perdaõ, e m.^{to} deveras to peço; mas ao concedermo observa se a propozição foi falça. He sem duvida q tu podes mostrar os teos versos a q.^m quizeres; eu nunca pretenderia pôr limites a tua liberd.^e; saõ totalm.^{te} alheios disso os meos dictames; q.do te propuz, q não os vulgarizasses, deite as m.^{as} razoens; porem o meo juizo não he infalivel; e em tu faz.^{do} o q tua May julga prudente, a ninguem mais importaõ as tuas aççoens²².

Aqui parece evidenciar-se que, para além das suas “más” relações –consideradas do ponto de vista da Condessa , um outro motivo com o qual esta justifica o rejeitamento de Aónia é a sua suposta “indiscriçom”. Este assunto é da máxima importância para um grupo social –a nobreza- que em boa parte vive da sua image pública (ou o que é o mesmo, da sua capacidade para pôr em valor as suas características identificativas) e que realiza boa parte dos seus movimentos tanto no campo intelectual como no campo do poder na clandestinidade. A importância das estratégias de ocultação apresentam-se nom só como fundamentais à hora de fazerem efectivas as diferentes actuações no campo, mas também como critérios decisivos para relacionar-se com umhas ou outras pessoas, com uns ou outros grupos, porque devemos sublinhar que, a image social das pessoas da primeira nobreza, a sua capacidade para actuar com discreçom, eram fundamentais à hora de trabalhar na corte em favor das suas casas.

Finalmente, os argumentos da Condessa de Vimieiro acabam por resultar convincentes para Leonor de Almeida, que rompe a sua relação com Lencastre Forjaz: «vão taõ bem as cantigas, que lembraraõ, e que eu não quiz cantar, porq já não vinhaõ a tempo: foraõ feitas

²² «Esturil 17 de setembro de 1771», IAN-TT, Casa Fronteira Alorna, n.º 224.

quando Aonia te pertendia»²³, verificando-se que os motivos de Leonor de Almeida som os mesmo expostos acima:

Acho graça emque nos conformemos tanto no juizo que fazemos de Aonia a ligeireza de character, e as companhias, com q se comunica ma fizeraõ suspeitoza; quando te disse alguma coiza a este respeito tinha estes fundam.^{tos} Ella ostenta alguma coiza; de ti naõ fallou senaõ como devia, e poderia eu sofrer-lhe o contrario? sempre te chamou amavel senhora Repetio versos teos, queixouse de naõ poder glozar a tua quadra, mostrando que se persuadia de que em ti fora experiencia menos sincera a isso respondi o que sabia e tu podias querer que dissesse. taõ bem me repetio o soneto da Constancia, e o teo ao do Amor dizendo que tu o fizeras contra o seo; porem como eu naõ adiantava a predica antes a divertia; naõ disse mais Eu percebi que a tua, e a sua Muza estavaõ mal unidas; acheilhe razaõ p.^a invejarte e acho que ella tem genio e liçaõ p.^a poetizar bem se quiser. Repetio algumas passagens de Poetas de boa nota, e em cuja escolla naõ pode forjar-se estillo máo; naõ sei quais admite desse bando de gralhas que se cevaõ nas curruçoens [sic] do Parnazo, e que tanto grasnaõ por Lisboa, sempre com discomodo dos ouvidos delicados, mas creio que Joze Bazilio he o seo Omero. Eu nada conheço desse eroe mais que uma viciada, e infeliz traduçaõ da Nice; mas naõ lhe disputei o merecim.to porq a pobre [Bam] da Tarregella naõ pode avaliar o canto dos cisnes do Ca[y]stro .

Eu fizlhe hum Madrigal, e huma prequena ode, naõ queria que ella visse isto por conta do character mencionado, huma, e outra coiza e um sobre escritos de cartas me pilhou meo cunhado, e lhos levou. Ella com isso tornou [a] verme lizongeadada, e lizonger.^a, e mandou do citio onde ficou essa noite pelos sold.^{os} q a acompanharaõ essa carta²⁴.

Em carta datada a 24 de Abril de 1773 endereçada à Marquesa de Alorna, a Condessa dá por finalizada a relação entre Leonor de Almeida e Lencastre Forjaz, pondo em destaque tanto a sua própria hostilidade como a da filha dos Marqueses de Alorna, com a antiga pretendente a entrar na sua rede de relacionamentos:

me custou m.^{tas} oras de madorna profunda o pequeno esforço que fiz p.^a naõ tratar mal Joana Izabel que passou por aqui, e me irritou. Dize a Lilia, que achei verdr.^o o retrato que ella me fez desta moça o anno passado que ambas fallamos della, e nos seos

²³ «Que tristeza Amada Lilia», IAN-TT, Casa Fronteira Alorna, n.º 224.

²⁴ «Lilia, Ex.^{ma} amiga do meo coração», IAN-TT, Casa Fronteira Alorna, n.º 223.

versos e que partio livre de terriveis impreçoens que lhe tinhaõ dado a meo resp.¹⁰ Esperavame ferina achoume mer. sincera, e capaz de ser sencivel ao merecim.to a amizade, à gratidaõ. Se eu podera escrever mais relatara a pratica, os versos, os assumptos, p.^a que ella se devirtisse [sic] na convalescença do maligno sarampo²⁵.

O que podemos concluir de todo este processo é que se produz um confronto entre dous grupos, o de Mello Breyner e o de Lencastre Forjaz, por “captar” Leonor de Almeida para as suas respectivas assembleas, enfrentadas provavelmente tanto pola sua adscriçom política mais ou menos próxima do pombalismo, como pola sua procedência social e a elecçom mais ou menos elitista dos seus membros. A futura Marquesa de Alorna tinha já naquela altura fama de mulher instruída, o que unido à sua pertença à família Távora, a qual detinha tradicionalmente um enorme poder simbólico entre a nobreza portuguesa, devia de fazer mui desejável a sua amizade para qualquer agente do campo intelectual.

As dificuldades para completar um estudo deste tipo de relaços som evidentes, porque na maior parte dos casos nos encontramos perante estratégias mais ou menos clandestinas das quais nem sempre ficam documentos suficientemente explícitos como para compreendê-las na sua totalidade, mas o levantamento da documentaçom particular ainda existente nos arquivos portugueses é fundamental para conhecer a actuaçom das elites económicas, políticas e intelectuais da Ilustraçom portuguesa. Entendemos, em definitivo, que os processos de relacionamento e convívio entre os elementos e grupos da nobreza portuguesa da segunda metade do século XVIII devem ser atendidos e estudados com pormenor porque podem deitar luz

- 1) sobre os elementos que componhem os diferentes grupos políticos/ideológicos que se constituem durante os reinados de D. José I e D. Maria I,
- 2) sobre os critérios de selecçom dos seus membros,
- 3) sobre os programas de actuaçom de cada um destes grupos e a sua ideologia concreta,
- 4) e, finalmente, sobre as relaços de cada grupo com a corte e, portanto, sobre as suas possibilidades de pôr em prática os seus programas.

²⁵ «Estremoz 24 d'Abril de 1773», IAN-TT, Casa Fronteira Alorna, n.º 223.